11

DIDÁTICA COMUNICATIVA: UMA APROXIMAÇÃO DE COMENIUS E HABERMAS*

*Oswaldo Freitas de Jesus
Larissa de Lima*

Introdução

A educação no presente, e muito mais no futuro, tende a privilegiar a aprendizagem. Não há ensino, se não houver alunos; mas há aprendizagem sem docentes. Na verdade, a aprendizagem não cessa de ocorrer durante a vida, enquanto o ensino formal e escolar, em geral, encerra-se com o período escolar (DEMO, 2005).

Na antiguidade, o cenário era bem diferente, pois o peso maior ficava com o ensino. Os docentes retinham as informações, os conhecimentos, as técnicas, as habilidades e os valores, a serem ensinados. Ainda que os alunos não aprendessem adequadamente, os mestres ensinavam. Aprender de cor, isto é, com o coração, era muito comum. Recitar os textos lidos era fundamental nas atividades escolares (GAUTHIER & TARDIFF, 2010).

Por um lado, em razão de ser biossocial, os humanos trazem consigo o aporte biológico que a natureza lhes concedeu. Por outro lado, seu outro perfil, o social, ainda não alcançou sua forma mais completa. A escola, como matriz que procura atuar no preenchimento dessa lacuna vazia, ensina ciências, técnicas, artes, habilidades e esclarece valores. Enfim, ela procura preencher as lacunas do social. Para Vygotsky (1988) a educação é histórica e cultural. E a didática seria a facilitadora da aprendizagem.

Neste artigo, os autores procuram aproximar a concepção de educação, expressa na Didática Magna de Jan Comenius e a concepção de comunicação, apresentada por Jürgen Habermas, na Teoria do Agir Comunicativo (HABERMAS, 2012). Da parte de Jean Comenius, nem todas as obras chegaram até nós, pois muitas foram destruídas. Mas a Didática Magna chegou e não se envelheceu. As obras de Jürgen Habermas, 40 até o ano 2000 (REESE-SCHÄFER, 2009), estão disponíveis e o próprio filósofo está vivo para explicá-las, apesar de seus 92 anos de idade. A principal delas é a Teoria do Agir Comunicativo.

---

*DOI – 10.29388/978-65-86678-49-9-0-f.187-196

Jan Comenius, por pertencer à comunidade eclesial protestante, sofreu censuras e perseguições. Sua família pagou alto preço pela sua independência de pensamento. Em razão dos conflitos religiosos de sua época, perdeu a esposa Magdalena Vizovska e dois filhos. Vivia fugindo das perseguições político-religiosas, inclusive vivendo como refugiado (COMENIUS, 2006).

“Didática significa a arte de ensinar.” Este é o grande anúncio feito por Jan Comenius para os leitores na *Didática Magna*. Nessa obra, ele defende o ensino de tudo para todos e fundamentou um método para ensinar e aprender. Para ele, a didática compreenderia a teoria e a prática educacional.

Na *Didática Magna*, ele trata de temas universais da educação: a - desenvolvimento do aluno; b - aprendizagem ativa; c - direito à educação; d - enfoque didático diferenciado para cada disciplina; e - ética e dever; f - a religião como valor maior na educação. Como um seguidor de Agostinho de Hipona¹, ele entendia que a vida fosse uma passagem pela terra, rumo ao céu. À escola, competiria:

Educar os jovens com sabedoria significa, ademais, prover a que sua alma seja preservada da corrupção do mundo – para que germinem com grande eficácia – as sementes de honestidade que neles se encontram, por meio de ensinamentos e exemplos castos; enfim infundir nas mentes o verdadeiro conhecimento de Deus, de si mesmos e das várias coisas, a fim de que habituem a ver a luz de Deus e a amar e venerar o Pai de todas as luzes acima de todas as coisas. (COMENIUS, 2006, p. 30).

Jan Comenius já estabelecia estágios de desenvolvimento do ser humano. Infância, adolescência, maturidade e velhice foram identificadas pelo criador da didática e da pedagogia. Em cada uma dessas fases, a aprendizagem ocorreria de maneira diferenciada.

Ele percebeu que o ensino de línguas contemporâneas e vivas seguia o modelo de ensino do latim como língua morta. Segundo seu ensinamento, uma língua viva nunca poderia ser ensinada como uma língua morta. O latim era apenas para a leitura e a língua materna, viva, era para a comunicação.

Ao fazer uma análise cuidadosa de seu tempo, Jan Comenius percebeu que o bom professor não se construía em sala de aula com os métodos tradicionais de ensino. O bom professor era aquele que vivia o seu tempo histórico-social, registrando-o e levando-o para a sala de aula com uma forma didática adequada, para que os alunos aprendessem de forma sistematizada o conteúdo.

---

¹ - Aurelius Augustinus Hipponensis, nascido em 13/11/354, foi bispo de Hipona, norte da África e um dos primeiros filósofos cristãos. Na sua visão, a vida era uma caminhada rumo ao céu. Na *Didática Magna*, a ação do cristão seria o cuidado com a própria salvação eterna. A vida na terra seria uma preparação para a felicidade celestial.

A didática estaria ligada ao ensino, pois ela visa envolver o professor, o aluno, o material específico da disciplina, as mediações de ensino e as estratégias utilizadas em sala de aula. Embora estivesse vinculada ao ensino, a didática exerceria influência na aprendizagem, à medida que ela motivasse o aluno a aprender e a se manter atento ao processo pedagógico.

Ausubel (1969) procurou aproximar o ensino e a aprendizagem, ao propor a aprendizagem significativa, possível porque o ensino bem preparado pode encurtar o hiato existente entre ambos. Na verdade, a denominada aprendizagem significativa resulta do ensino que leva em conta aquilo que o aluno já sabe.

A didática

Veiga (2008b) compreende a didática, como sendo um conjunto de estratégias e de técnicas que visam facilitar o ensino e aprendizagem em sala de aula. Nesse caso, o professor, além de ser aquele que sabe, é também aquele que facilita a aprendizagem, à medida que organiza o material, propõe estratégias de ensino e avalia a aprendizagem.

Segundo ela, o ensino e a aprendizagem são dois termos que estão interligados entre si. A didática aborda questões relevantes na vida do aluno e do professor, mostrando como é de grande importância os saberes que esses indivíduos possuem. Cabe ao professor ser um mediador entre esses saberes e um questionador para com seus alunos, motivando-os a interpretar sempre os seus conhecimentos e os conhecimentos do outro.

Considerando que as ideias referidas pelo conjunto de literatura didática tem sua importância se analisadas de forma crítica, deixando ressaltados determinados fatores e condições, concordamos com os autores que destacam a ação de ensinar como uma atividade de mediação, pela qual são providos as condições e os meios, para os alunos se tornarem sujeitos ativos no processo de apropriação do saber sistematizado. Com base nessa concepção, entendemos que a dinâmica ensino-aprendizagem deve se caracterizar por situações que estimulem a atividade e a iniciativa dos alunos e do professor; situações que favoreçam o diálogo entre si e com o professor; ao mesmo tempo que valorizem o diálogo com o saber acumulado historicamente; situações que considerem os interesses dos alunos na apropriação dos conhecimentos, sistematizados e ordenados gradualmente de acordo com a organização escolar. (VEIGA, 2008b, p. 110)

A visão do ensino e da aprendizagem, na teoria tradicional e na prática tradicional, implicava que o docente ocupasse posição especial na condução da transferência do conhecimento. Naquele cenário, a imposição da disciplina era tida como fundamental para o sucesso educacional. A autoridade do professor produzia um distanciamento entre ele e os alunos, deixando entender que o discente não contribuía em nada com os seus saberes (VEIGA, 2008b).

Segundo Saviani (2007), a pedagogia, denominada tradicional, tornou-se conhecida já no término do século XIX, em razão do surgimento da pedagogia moderna, também denominada inovadora. Sem o surgimento da pedagogia moderna, a pedagogia tradicional não teria sido conhecida como tal.

O objetivo principal da linha tradicional de ensino era universalizar o acesso do indivíduo ao conhecimento. Possui um modelo firmado e alguma resistência em aceitar mudanças. Não há espaço para o aluno atuar, agir ou reagir individualmente. As aulas são na maioria das vezes expositivas, com muita teoria e exercícios para a memorização de fórmulas e conceitos. Apenas o professor possui conhecimento para ensinar e cabe ao aluno absorver o conhecimento transmitido por ele. O silêncio em sala de aula é imposto pela autoridade docente.

Veiga (2008b) apresenta uma visão contrária e deixa claro que os educadores têm uma grande responsabilidade de transformar os desafios de ensino e aprendizagem no processo democrático, garantindo aos estudantes um espaço de interação e de troca de conhecimentos.

No momento atual, as tecnologias têm conquistado maior espaço na sala de aula. A utilização da INTERNET, inclusive tem transferido força para a aprendizagem, furtando espaço anteriormente do ensino. A aprendizagem ativa propiciada pelas novas tecnologias é um claro indicio de que a aprendizagem passou a ocupar a dianteira no processo pedagógico.

A informação, antes uma propriedade do professor, hoje está posta nos bancos de dados e o aluno pode acessá-lo, quando quiser. Mais interessante ainda, o aluno pode ser orientado e acompanhado à distância. Nesse novo cenário, a didática tradicional perde prestígio e novos modelos têm sido buscados.

A ideia de uma didática comunicativa

O modelo de uma didática comunicativa, mais adequado ao momento atual, no qual a aprendizagem ganha espaço em relação ao ensino, permite um novo equilíbrio pedagógico. Quando aluno e professor procuram se comunicar efetivamente, o ensino realiza sua função, qual seja, a de promover a aprendizagem. Aluno motivado e envolvido no processo pedagógico é uma promessa de sucesso na aprendizagem e no ensino.

A Teoria da Ação Comunicativa, doravante (TAC), proposta por Jürgen Habermas, parte de uma teoria geral de sociedade e fornece alguma luz para um novo entendimento da didática. A ênfase, nesse caso, é posta na comunicação na sala de aula. De modo geral, a relação pedagógica entre o professor e o aluno estaria vinculada à comunicação. Essa relação intersubjetiva, entre o aluno e o professor, estaria marcada por elementos muito importantes.

Habermas (2012), divergindo da teoria da comunicação vigente, a qual estabelece um emissor, um receptor, a mensagem e um meio de disponibilizá-la ao receptor, entende que esse último seja ativo na recepção, pois essa sequência fora estabelecida na década de 40 pela teoria do rádio. Nesse modelo ultrapassado, o aparelho que recebe a mensagem é passivo.

No modelo de comunicação habermasiano, algumas condições são necessárias, para que a comunicação seja possível, a saber:

1 – Os participantes da ação comunicativa devem ter uma língua em comum. Sem a existência de uma língua comum entre o participante 1 e o participante 2 não há possibilidade entendimento.

2 – Os participantes da ação comunicativa devem possuir informações suficientes. O nível de informação comum entre os dois participantes da ação comunicativa deve ter uma parte em comum, para que haja entendimento mútuo.

3 – Os participantes da ação comunicativa pretendem alcançar algum consenso. Duas pessoas autoritárias com ideologias divergentes conversam, mas não apresentam disposições de entendimento mútuo.

4 – Os participantes da ação comunicativa não podem ser ameaçados por forças externas. Se houver ameaças ou condições restritivas, a comunicação entre os participantes não será autêntica, talvez mesmo, uma perda de tempo.

5 – Os participantes da ação comunicativa devem ter oportunidade de participação. Para que o entendimento mútuo seja possível, cada participante da ação comunicativa deve ter vez no processo do entendimento.

Tomando como base a teoria da ação comunicativa em sala de aula, o modelo que mantém um emissor ativo e um receptor passivo não se sustenta mais. No entendimento atual, não deve haver emissor ativo e um receptor passivo, mas sim o participante 1 e o participante 2, ambos ativos. No modelo habermasiano, eles são ativos e devem ter vez no processo da comunicação.

Como explicado nas 5 condições, apresentadas na Teoria da Ação Comunicativa, proposta por Habermas, algumas são de entendimento comum. A primeira condição requer uma língua comum entre os participantes 1 e 2. Na segunda condição, ambos partícipes da ação comunicativa devem ter informações suficientes, para compreender e argumentar. Na terceira, é necessária a intenção de alcançar consenso, pois se um dos participantes não estiver disposto a negociar o sentido, não haverá acordo. Na quarta, sob ameaça, não haverá comunicação, mas apenas intimidação. Por fim, na quinta e última condição, cada partícipe deve ter vez para expressar sua posição.

Para Habermas (2012), uma “situação de fala ideal” é aquela em que os sujeitos estejam em situação horizontal, sem coerção e em que possam expressar livremente suas opiniões acerca dos mais diversos assuntos.

A comunicação vertical, um modelo inadequado para a sala de aula, refere-se àquela que mantém de forma hierárquica a relação entre o emissor e o receptor. Já a comunicação horizontal baseia-se em uma relação de igualdade entre os participantes, inclusive utilizando os termos participante 1 e participante 2, sendo ambos ativos. Ela acontece entre pessoas de nível hierárquico semelhante. Seu objetivo é o de auxiliar a compreensão entre as partes, coordenar as atividades e solucionar problemas.

Além das condições ideais necessárias para a realização do agir comunicativo, Habermas (2012) apresenta uma outra categoria teórica que é o mundo da vida (*Lebenswelt*). Proposta por Husserl (1992), nas conferências de Paris, em 1945, ela procura explicar aquele componente da vida diária, não teórico, na qual as pessoas se entendem e se fazem entender.

As pessoas se entendem melhor, quando seu *locus* de fala é o seu cotidiano. A sala de aula, nesse caso, deve transformar-se em um espaço de livre de expressões e manifestações dos alunos. A disciplina, nesse caso, não poderia ser uma das metas do ensino. A troca de ideias, se for espontânea, cria as condições da ação comunicativa em sala de aula.

Quando o agir comunicativo encontra as condições necessárias, para que a troca de ideias seja possível, de certo modo reproduz as condições, encontradas no mundo da vida. Se mudado o foco para a sala de aula, pode-se presumir que a sala de aula deveria assemelhar-se ao ambiente do mundo da vida, no qual aos atores não sofrem coerção e trocam ideias livremente.

Mudanças na prática pedagógica

Da parte do professor, a didática comunicativa implicaria em uma mudança no ensino. Em vez de um ensino, pouco voltado para a aprendizagem, ensino e aprendizagem fundir-se-iam, pois, a INTERNET e a informática facilitam a aprendizagem do aluno mesmo sem a presença do

professor. O professor, voltado para a comunicação, poderia organizar a aprendizagem e motivar o aluno na busca do conhecimento.

Para ensinar, o professor necessita do aluno; mas o aluno pode aprender sem a intervenção do professor; exemplo disso é o autodidata. Jean-Jacques Rousseau não frequentou escola (ROUSSEAU, 2004), mas tornou-se um sujeito educado. Ainda que ele seja uma exceção, a exceção apenas confirma a regra que não explica todos os casos existentes.

Mas o professor, por ser alguém que conhece mais o assunto e tem experiência no relacionamento com alunos, pode adaptar seu conhecimento ao nível do aluno, para que esse possa se sentir apto a participar da ação comunicativa em pé de igualdade. O professor comunicativo abre o diálogo e não impõe sobre o aluno seu conhecimento e pontos de vista; ao contrário, compartilha.

Na filosofia moderna, a verdade não é mais um veredito, mas a versão melhor formulada e articulada (HABERMAS, 2012). Dessa forma, democratizar o conhecimento e os fatos do mundo, na sociedade plural, abre possibilidades para a interação. A teoria da ação comunicativa, um conjunto de proposições axiomáticas e logicamente estruturadas, surgiu no seio da Teoria Crítica, com a intenção de oxigenar diversos pontos da vida social, inclusive os educacionais.

Weber (2016) apresenta 4 tipos de ação social, a saber: 1 – aquelas voltadas para fins imediatos; 2 – aquelas oriundas de ações afetivas; 3 – aquelas alicerçadas em valores; 4 – aquelas associadas a hábitos.

Habermas (2012) propõe a ação comunicativa, talvez uma quinta ação, a ser acrescida às ações sociais. Por meio dela, a sociedade compartilharia as conquistas sociais, científicas, tecnológicas, políticas, estéticas e jurídicas. A possibilidade de interação intersubjetiva faz do ser-humano o único capaz arquivar e reutilizar os bens culturais.

Neste artigo, como já anunciado anteriormente, propõe-se um enfoque novo e alternativo para a composição da didática: a didática comunicativa. Para isso, este enfoque está estribado na abertura da Didática Magna de Jan Comenius e na ousadia da teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas. A educação, neste sentido, é tomada como uma ação comunicativa, pois uma geração procura disponibilizar para outra seus conhecimentos, técnicas, valores e visão de mundo de que Jürgen Habermas propõe

O professor comunicativo

A primeira das características do professor comunicativo seria sua capacidade de estar próximo de seus alunos. Ser capaz dessa proximidade garante ao professor estar em contacto com as necessidades reais dos alunos.

Interesse pelos valores, preferências, conversas, modas, enfim pela cultura dos alunos, permitem a aproximação do professor com o aluno e vice-versa.

Uma outra característica importante nessa relação professor-aluno é a conquista da confiança dos alunos. Ser digno da confiança dos alunos permite uma aproximação importante na relação pedagógica. Uma traição da confiança implicaria na desconstrução da boa relação comunicativa.

O aluno, nessa construção de uma relação intersubjetiva, sentirá mais à vontade, para se comunicar com os colegas e com o professor. Nesse caso, o aluno deve ser estimulado a verbalizar seus pontos de vista e situações em que se encontra.

O professor não pode ser uma ameaça para os alunos, pois se assim for, eles não estariam em condições de negociar o sentido melhor para todos, na forma de consensos na sala de aula. Provas e avaliações devem ser bem explicadas e combinadas, para evitar ruídos na comunicação.

Convencer os alunos de que eles podem e devem participar de decisões pedagógicas em sala de aula é de fundamental importância. Como diz o ditado popular, “o combinado não é caro”.

Considerações finais

Nos tempos atuais, em razão das transformações, ocorridas na escola e no processo pedagógico, não há como evitar a busca de novos caminhos. A sala de aula, aquele espaço clássico, cercado por paredes (KENSKI, 2012 & 2013), com um quadro-negro, com cadeiras enfileiradas e um professor dirigindo os trabalhos, como se fosse o maestro de uma orquestra, enfrenta novo concorrente: a sala de aula virtual.

O ensino remoto, as novas mediações tecnológicas, a familiaridade dos alunos com as tecnologias de ensino e aprendizagem e os materiais pedagógicos de melhor qualidade permitem aulas híbridas e comunicativas, as quais combinam ensino presencial e ensino remoto.

A didática atual está mais interessada na aprendizagem dos alunos. O professor deixou de ser aquele que conhece e que impõe suas condições na sala de aula. O conhecimento, disposto nos bancos de dados e facilitado o acesso pela INTERNET, permite que o aluno aprenda no próprio ritmo.

Em razão disso, há um interesse maior em criar condições de comunicação efetiva em sala de aula. O professor já não é mais o único detentor do conhecimento. A escola, que, ao longo do tempo, tornou-se um ambiente formal, sisudo e pouco interessante para o aluno, agora busca recuperar o tempo perdido.

Os novos formatos de aula têm produzido material pedagógico inovador e de qualidade. Mais versátil, mais próximos da vida dos alunos, os materiais pedagógicos interessam muito mais aos alunos. Em vista dessas mudanças, as condições de comunicação entre professor e alunos têm mudado.

Se a didática para Jan Comenius era a própria educação e sua prática e se a comunicação entre professor e aluno devesse ser dinâmica, natural e livre, nos moldes do agir comunicativo, proposto por Jürgen Habermas, a didática comunicativa deveria ser uma via de mão dupla, na qual o professor e o aluno pudessem transitar com maior liberdade e espontaneidade.

Referências

AUSUBEL, D. P. **Educational Psychology: A Cognitive View**. New York: Harcourt & Brace, 1969.

COMENIUS, J. **Didática Magna**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DEMO, P. **A Educação do Futuro e o Futuro da Educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GAUTHIER, C.; TARDIFF, M. (org.). **A Pedagogia: Teoria e Práticas da Antiguidade aos nossos Dias**. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

GOMES, L. R. **Educação e Consenso em Habermas**. Campinas: Alínea, 2007.

HABERMAS Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo: Racionalidade da Ação e Racionalização Social**. v. 1. Trad. Paulo Astor Soethe. São Paulo: Martins Fontes, 2012a.

HABERMAS Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo: Sobre a Crítica da Razão Funcionalista**. v. 2. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.

HUSSERL, E. **Conferências de Paris**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1992.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo da Informação**. Campinas: Editora Papirus, 2012.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Tempo Presente**. Campinas: Papirus Editora, 2013.

LONGAREZI, A. M. et al. (orgs.). **O Ensino Desenvolvidor: Vida, Pensamento e Obra dos Principais Russos**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

MÜHL, E. H. **Habermas e a Ação Pedagógica como Agir Contemporâneo**. Passo Fundo: UPF, 2003.

NICOLA, U. **Antologia Ilustrada de Filosofia: Das Origens à Idade Moderna**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2011.

REESE-SCHÄFER, W. **Compreender Habermas**. Trad. Vilmar Schneider. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. Trad. Roberto Leal Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Editora Autores Associados, 2007.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências Sociais**. 5. ed. Trad. Augustin Wernet. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

VEIGA, I. P. A. (org.). **Lições de Didática**. 3. ed. Campinas: Papirus Editora, 2008a.

VEIGA, I. P. A. **Didática: O Ensino e suas Relações**. 13. ed. Campinas: Papirus Editora, 2008b.

VEIGA, I. P. A. (Coord.) **Repensando a Didática**. 26. ed. Campinas: Papirus Editora, 2008c.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. Trad. José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WEBER, M. **Metodologia das Ciências Sociais**. 5. ed. Trad. Augustin Wernet. São Paulo: Cortez Editora, 2016.